

Educação é aprovada em Minas

Programa do governo estadual transforma o sistema de ensino público no estado

Baseado em cinco pontos prioritários – autonomia da escola, fortalecimento da direção da escola, avaliação de desempenho, capacitação de recursos humanos e integração das redes estadual e municipal –, o Programa de Melhoria da Qualidade das Escolas Públicas em Minas conseguiu reduzir de 40%, em 1990, para os atuais 19,8% os índices médios de evasão e repetência escolar, medida de forma conjunta, no estado. "Queremos chegar a 5% sem fazer concessões", garante o vice-governador Walfredo Mares Guia, que voltou a ocupar, no final de novembro, o cargo de secretário de Estado de Educação.

A transformação no sistema de ensino mineiro, que foi chamada de "revolução silenciosa" pelo representante do Fundo das Nações Unidas para a Criança e o Adolescente (Unicef) no Brasil, Agop Kayayan, começou a ser planejada em 1990, durante a campanha do então candidato a governador Hélio Garcia. O programa foi implantado e continuou com força total durante o governo de Eduardo Azeredo. Os números comprovam o acerto da estratégia. O governo investiu, em 1996, 40% do seu orçamento fiscal, que foi de R\$ 5,1 bilhões, em educação – percentual muito superior aos 25% determinados pela Constituição. Em 1991, de cada 100 alunos que entravam na 1ª série do 1º grau, apenas 38 concluíam, enquanto em 1994, em cada 100, 49 já conseguiram concluir.

"Estes resultados estão gerando uma pressão em cima do ensino

médio, pois cada vez mais alunos estão concluindo o ensino fundamental", informa a ex-secretária de Estado de Educação, Ana Luíza Machado Pinheiro, que deixou no final de novembro a coordenação do programa para assumir o cargo de diretora da Unesco para a América Latina e o Caribe. "Só no ano passado foram criadas mais 100 mil vagas de ensino médio. Entre 1991 e 1994 nós dobramos o número de alunos no ensino médio, passando de 300 mil para 600 mil", revela.

Segundo Ana Luíza Machado, as mudanças no sistema de ensino mineiro começaram a partir do momento que foram diagnosticadas as três causas que mais contribuíam para a má qualidade do ensino. "O sistema educacional era muito centralizado na administração central, o aluno não era visto como principal cliente da educação que privilegia a política partidária e o corporativismo e favorecia a desarticulação entre o estado e os municípios", relaciona.

Ana Luíza Machado observa que para atingir o objetivo de reduzir os índices de repetência e evasão, fazendo com o que o aluno tivesse sucesso na escola, foi preciso superar a "cultura", que estava instalada no país, de que "repetência é salutar". "Era muito comum a gente ouvir que o aluno repetir o ano é bom para ele pegar base e que professor bom é aquele que dá bomba em metade da turma", conta a ex-secretária, comparando: "É como se o engenheiro se vangloriasse das pontes que caíram e o médico dos doentes que morreram".



Novas atividades nas escolas, como o estudo do balé, reduziram a evasão nas escolas de Minas



Canto é uma das opções extra-curriculares